

ENCONTRO

SEMANAL



Arquidiocese
de Goiânia
Muitos membros, um só corpo.



Semanário da Arquidiocese de Goiânia – VII Edição – 5 de julho de 2014

“Estive preso e me visitastes”

(Mt 25,36)



PASTORAL
CARCERÁRIA

ARQUIDIOCESE



Uma formação para animadores dos “Encontros com a Palavra”, parte integrante do Ano Mariano Missionário, aconteceu no fim de junho.

pág. 3

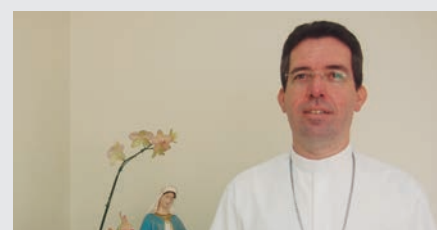
FORMAÇÃO



Nesta semana, a Formação Mariana nos ensina que o caminho do silêncio, trilhado por Maria, nos faz chegar à intimidade com Deus.

pág. 7

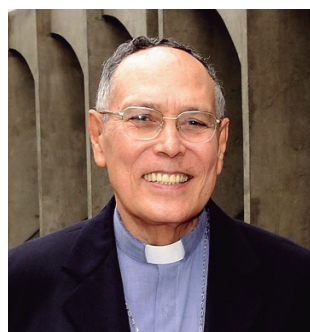
PALAVRA DE DEUS



Na proposta de leitura orante em preparação ao próximo domingo, Dom Waldemar reflete: “a oração e a escuta da Palavra de Deus comunicam sabedoria de vida”.

pág. 8

VIVER A FÉ EM COMUNIDADE



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

A fé é um acontecimento pessoal. É um dom de Deus que cada um recebe e que cada um deve acolher e agradecer, e fazer crescer em seu interior. Entretanto, ao mesmo tempo em que dizemos que a fé é algo pessoal, temos que afirmar que a nossa forma de viver a fé é comunitária. Nós não estamos sozinhos vivendo a fé: apesar de cada pessoa ser única, individual, não é da nossa natureza viver sozinhos. A fé é um dom que vivemos comunitariamente: recebemo-la em comunidade e a devemos transmitir também a uma comunidade. Ninguém se dá a fé a si mesmo: recebemos de outro e a devemos transmitir a outro.

Portanto, a fé se acolhe pessoalmente e se vive em grupo. Quem por primeiro acredita é a Igreja e dela recebemos a fé e nela vivemos. No ritual do batismo, aparece claramente esta verdade. O ministro pergunta aos pais o nome do filho deles: “Que nome escolheste para o vosso filho? E quando os pais respondem, o ministro lhes pergunta: E o que pedis à Igreja de Deus para ele? Os pais respondem “a fé”. E o que te dá a fé? – continua o ministro – e os pais respondem “a vida eterna” ou “a graça de Cristo” ou ainda “a entrada na Igreja”.

A salvação vem de Deus, mas o lugar adequado para recebê-la é a Igreja: nela recebemos o batismo e os outros sacramentos, nela recebemos a Palavra de Deus.

O papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Lumen Fidei* (Luz da Fé) argumenta que “é impossível crer sozinhos. A fé não é só uma opção individual que se realiza na interioridade do crente, não é uma relação isolada entre o ‘eu’ do fiel e o ‘Tu’ divino, entre o sujeito autônomo e Deus; mas, por sua natureza, abre-se ao ‘nós’, verifica-se sempre dentro da comunhão da Igreja. [...] quem crê nunca está sozinho; e, pela mesma razão, a fé tende a difundir-se, a convidar outros para a sua alegria. Quem recebe a fé, descobre que os espaços do próprio ‘eu’ se alargam, gerando-se nele novas relações que enriquecem a vida. Assim o exprimiu vigorosamente Tertuliano: ‘Depois do banho do novo nascimento’, o batizado é acolhido na casa da Mãe para erguer as mãos e rezar, juntamente com os irmãos, o *Pai Nosso*” (cf. *LF* 39).

Cada crente é como um elo na grande corrente dos crentes. É bonito ver como em muitos países se recorda o começo da fé, por um santo, por um mártir, por um evangelizador. No Brasil, lembramos que a fé chegou já com o Frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira Missa, com São José Anchieta e tantos outros jesuítas, e religiosos de várias ordens e congregações, evangelizadores da primeira hora.

Quando percorri a Arquidiocese, visitando as comunidades, ao final das celebrações, gostava de ouvir a história da comunidade. Percebi a influência que tiveram os migrantes de vários estados, que vieram para Goiás trazendo a sua fé e suas devoções. Alegrei-me ao constatar que a maioria das comunidades começou com um casal, e, sobretudo, com as mulheres rezando o rosário de casa em casa. Pude enxergar também os rastros de tantos religiosos/as que testemunharam a fé da Igreja, pela pregação da Palavra, as desobrigas e, de modo especial, pelas obras de educação e misericórdia. A Igreja é nossa mãe na fé.

Caro leitor

Chega às suas mãos a sétima edição do jornal “Encontro Semanal”, periódico da Arquidiocese de Goiânia que tem contribuído para a circulação de informações e formações no âmbito eclesial. Nosso agradecimento a todos quantos trabalham para tornar possível a este instrumento de comunicação cumprir sua missão.

A presente edição traz à tona um assunto que muitos preferem não discutir, ou mesmo abordar, tendo em vista a complexidade de opiniões e mesmo de emoções que traz. Trata-se da situação carcerária. Nosso objetivo com a matéria que ilustra a capa desta edição é apresentar o trabalho árduo, persistente e organizado da Pastoral Carcerária, organismo da Igreja que busca ir ao encontro daqueles que estão privados de sua liberdade física.

Mas, se a Igreja quer mesmo ser fiel à sua missão, ela não pode se omitir. Entre os “critérios” que o Senhor usará para nos dar a salvação, está o cuidado com os encarcerados: “Estive preso e me visitastes” (*Mt* 25,36). Ao anunciar o Evangelho da salvação aos presos (que acaba se estendendo também aos familiares), cumpre-se a verdade evangélica “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.” (*Jo* 10,10).

Mesmo nos lugares mais insalubres e de difícil acesso, a Igreja sempre teve um olhar de mãe para estes que são também seus filhos, nossos irmãos. Ao se dirigir aos capelães que cuidam da pastoral nas prisões italianas, o papa Francisco afirma que “nenhuma cela está tão isolada a ponto de excluir o Senhor, nenhuma; Ele está ali, chora com eles, trabalha com eles e espera com eles; o seu amor paterno e materno chega a toda a parte.” E conclui, assegurando o que todos nós deveríamos também fazer: “Rezo para que todos abram o seu coração a este amor.” (Pronunciamento feito aos 23/10/2013, no Vaticano)

Esperamos que nosso jornal cumpra seu papel que é de apresentar uma abordagem lúcida, à luz do Evangelho sobre temas que estão aí, mas que por motivos diversos são mantidos à distância da maioria dos fiéis que ficam à mercê de notícias ou opiniões distantes da realidade.

Encerro este pequeno aporte, citando mais uma vez a fala do papa naquele mesmo 23 de outubro de 2013 ao recordar sua experiência com os encarcerados de Buenos Aires: “... as debilidades que nós temos são as mesmas, por que ele caiu e eu não? Para mim, trata-se de um mistério que me faz rezar e aproximar-me dos encarcerados.” Dá o que pensar! Mais ainda, incita-nos a agir!

CARTAS DOS LEITORES

“Como vou saber se não tiver quem me explique?”. Achei catequético e informativo o Jornal *Encontro Semanal*. Está em sintonia com a nossa Arquidiocese. O direcionamento da Leitura Orante da Bíblia em preparação ao domingo seguinte, de modo especial, me proporciona um momento de graça.

Ailton Morgado. (Via e-mail)

Considero a publicação do Jornal *Encontro Semanal* uma iniciativa muito positiva, pois é um meio para fortalecer a unidade e a comunicação entre as paróquias, comunidades, grupos e pastorais de Goiânia.

Acredito que por meio do Jornal, a Arquidiocese poderá crescer ainda mais na sua identidade de Povo de Deus e parte viva e atuante da Igreja. Além de ser um meio de evangelização e de conscientização das verdades da nossa fé.

Parabéns, à equipe responsável pela edição.

Ir. Teresinha Cristina (Irmãs Agostinianas Missionárias, via e-mail)

As mensagens de Jesus sempre tocam a nossa vida. Sendo o Jornal *Encontro Semanal* um espaço para comunicar a vida da Arquidiocese neste Ano Mariano, gostaria de propor-lhes que editem algo da realidade histórica e as lutas das comunidades das periferias desta cidade, bem como as diversas devoções marianas. Seria importante tornar conhecidos os diferentes títulos de Nossa Senhora.

Ir. Lucimar C. da Silva (Irmãs Dominicanas de Sta. Catarina de Sena, via e-mail)

ARQUIDIOCESE EM MOVIMENTO

O semeador saiu para semear...

Ano Mariano: Reunião com animadores marca o primeiro passo para a missão nos *Encontros com a Palavra*



“...Outras caíram em terra boa e produziram fruto: uma cem, outra sessenta, outra trinta...”

TALITA SALGADO
Jornalista

No dia 28 junho, aconteceu o primeira formação para animadores dos *Encontros com a Palavra*, no Centro Pastoral Dom Fernando. O assessor do encontro, o bispo auxiliar Dom Waldemar Passini Dalbello, fez explanação a respeito do que são e como devem ser os encontros. Também os desafios e como será a preparação para esses momentos.

Segundo Dom Waldemar, é a iniciativa mais missionária e expressiva do Ano Mariano Missionário na Arquidiocese de Goiânia. Um ano de acolher a Palavra de Deus, viver a dinâmica evangelizadora e retomar o sentido da nova evangelização. O assessor ressaltou o desejo de que a Igreja em Goiânia viva em estado permanente de missão, acolhendo as disposições do Sínodo Arquidiocesano: “A missão não vai ser um tema da vida da Igreja em Goiânia, a Igreja em missão vai ter outros temas”.

Os *Encontros com a Palavra* serão uma oportunidade de ir ao encontro daqueles que estão distantes da Igreja, com sede da Palavra de Deus e, de forma simples e próxima, levar a eles esse Alimento, jogar a Semente, para que Cristo floresça nos corações dos que estão afastados.

Em cada paróquia serão formados animadores responsáveis por esse trabalho, que começa das portas da igreja para fora, ir aonde as pessoas estão, ir até as casas e fazer o convite para essa experiência com a Palavra. Os encontros devem ser realizados em ambiente simples: uma vela, o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Bíblia. Toda casa pode receber o encontro, Cristo está em todos os lugares, é promessa Dele: onde um ou mais se reunirem em seu nome, lá estará.

Não é pregar, converter ou impor. É amorosamente apresentar a Palavra e deixar que ela se instale no coração de cada um. A Palavra por si só tem poder sobre os que a ouvem. Para melhor ilustrar a ação

da Palavra, Dom Waldemar usou a parábola do semeador, Mt 13,1-9.

A experiência da parábola vai ser vivenciada a cada Encontro, uma vez que a Palavra, após ser lida, vai fazer todo este caminho no coração das pessoas: o do terreno pedregoso, da raiz rasa, dos espinhos, até que produza seus frutos. Dom Waldemar disse ainda que ela vai muito além de dar frutos, pois “A Palavra de Deus implantada no coração tem o poder de nos salvar”.

A expectativa é que, após as primeiras experiências, logo a iniciativa cresça e abarque toda a cidade. A princípio, esses encontros são para aqueles católicos que se distanciaram. A cada encontro, será levado o Evangelho do domingo seguinte. Os católicos, que estão presentes e engajados, recebem já o alimento na santa missa. Para os que estão distantes, a Palavra apresentada é o alimento recebido na medida em que se dispuserem. Com o tempo será grande alegria em ver esses irmãos afastados virem se alimentar também da Eucaristia durante

as missas e participar da vida da comunidade. Dom Waldemar ressaltou ainda que é preciso coragem para ir ao encontro de quem está distante, mas é dever do cristão ir em busca daqueles que estão abandonados a si mesmos e anunciar o Amor de Cristo, que ama desde o princípio até a eternidade.



Imagem Ilustrativa

TRANSFERÊNCIAS E NOMEAÇÕES



Pe. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo (Administrador Paroquial)

Designado para a Paróquia Universitária São João Evangelista, vinculada ao Vicariato para a Cultura e Educação - Goiânia, 27 de abril.

Pe. Luiz Fernando Nascimento de Oliveira (Administrador Paroquial)
Designado para a Paróquia Nossa Senhora da Piedade - Vicariato Silvânia - Bela Vista, 8 de junho.



Pe. Nilson Maróstica (Administrador Paroquial)

Designado para a Paróquia São Leopoldo - Vicariato Leste - Goiânia, 13 de junho.



Pe. Valdison de Oliveira Barros Braga (Administrador Paroquial)

Designado para a Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz - Vicariato Oeste - Goiânia, 22 de junho.

A ação pastoral da Igreja nas prisões

FÚLVIO COSTA
Jornalista

O Brasil conta com cerca de 550 mil detentos nas prisões e um déficit de 200 mil vagas, segundo dados do Alto Comissariado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas. No mundo, somos um dos principais países que mais desrespeitam os direitos humanos. As prisões estão superlotadas, não há higiene, e milhares de pessoas estão esquecidas à própria sorte pela sociedade e pelas autoridades. Esses são alguns dados que fazem da Pastoral Carcerária (PCr) uma missão indispensável que deve ser abraçada por toda a Igreja.

Nascida em 1986, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o objetivo de ver um mundo sem cárceres, a Pastoral Carcerária é organizada por grupos presentes em 24 estados e no Distrito Federal (menos no Piauí e em Rondônia), em 2/3 das dioceses do país. A luz do seu trabalho está no Evangelho de Mateus (25,36) que diz: “Estive preso e me visitastes” e a sua missão se desenvolve com o anúncio do Evangelho, passando pela promoção da dignidade humana e da escuta às pessoas presas.

Na Arquidiocese de Goiânia a atuação da Pastoral se dá desde 1997, quando a CNBB desenvolveu a Campanha da Fraternidade daquele ano que teve como lema “Cristo liberta de todas as prisões”. O então arcebispo, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, havia começado a organizar a PCr dois anos antes, em 1995, com a formação de uma equipe cujo objetivo era “favorecer a assistência religiosa e humana aos presidiários e seus familiares” no antigo Cepai-go, hoje Penitenciária Odenir Guimarães (POG), na Casa de Prisão Provisória (CPP) e em delegacias.

Faz parte dessa história o padre Francisco Nisoli, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Solange Park I, em Goiânia. Ele trabalhou na Pastoral de outubro de 1998 até 2005. Na época, a PCr propunha a cooperação de todas as paróquias e comunidades, com ênfase na atenção aos direitos humanos e em relação aos familiares dos detentos.

“Os familiares precisam do apoio e da presença da Igreja, pois são deixados sozinhos pela sociedade e, na maioria dos casos, também pelos cristãos”, comenta o sacerdote. Na época foi proposto às comunidades esse “cuidado” através das pastorais já existentes



Pastoral Carcerária

(Vicentinos, Pastoral Familiar), mas o retorno foi ínfimo. “Muitos não entendem ou até criticam a ação da Pastoral Carcerária. Diante disso, é necessário analisar bem qual é a fonte que gera um mundo violento; não é o crime, mas a violência profunda que está dentro da sociedade”, afirma.

Os trabalhos da Pastoral se dão às terças-feiras, no período vespertino, quando cerca de oito a dez voluntários se deslocam até o sistema prisional. A Arquidiocese fornece os meios necessários para o deslocamento. Os agentes da PCr percorrem celas e pátios onde estão recolhidas as pessoas presas. “Nós conversamos com elas, às vezes somente escutando desabafos, relatos de suas vidas, sofrimentos; falamos sobre o amor de Deus, fazemos orações, promovendo celebrações periódicas da Eucaristia e da Palavra”, explica o coordenador da Pastoral na Arquidiocese, o diácono Ramon Curado.

Além disso, são feitas anotações dos nomes para verificação do andamento de processos na justiça e oferecidas orientações e encaminhamentos, quando solicitados pelos detentos. Em casos mais graves, quando ocorrem denúncias de maus tratos ou de mortes de presos, os agentes da Pastoral procuram intervir junto às autoridades ou mesmo se deslocando até o local. É um trabalho totalmente gratuito que procura refletir as palavras do Evangelho.

A vice-coordenadora da Pastoral Carcerária Nacional, Irmã Petra Silvia Pfaller, Missionária de Cristo, atua em Goiânia e faz um apelo.



Pastoral Carcerária

“Não se esqueçam das pessoas presas. Infelizmente poucos da nossa Igreja aceitam o chamado de Deus para visitar os cárceres. É um trabalho gratuito e generoso que não tem como medir, mas vemos os resultados nos corações de cada uma das pessoas presas”.

Esse trabalho é conhecido, admirado e acompanhado pelo promotor de justiça, Dr. Haroldo Caetano da Silva, há pelo menos 20 anos. “É a mais brava e corajosa instituição brasileira na defesa dos Direitos Humanos no cárcere”, elogia. Nas palavras dele, trata-se de um trabalho que vai muito além da evangelização. “Os seus voluntários e missionários entram em lugares onde as autoridades temem chegar perto; conversam e conhecem as agruras da pessoa presa, de sua família; e veem de dentro do sistema prisional o resultado produzido pelos erros de uma política criminal nefasta e burra”.

O promotor acusa o sistema carcerário de ser o principal responsável pelos altos índices de reincidência: sete em cada dez presos



Arquivo Pastoral

que deixam o sistema penitenciário voltam ao mundo do crime, segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). “Não há programas nem políticas públicas de acolhimento dos egressos do cárcere”, justifica.

Nivaldo Ribeiro Trindade esteve preso por 12 anos. Ele é um exemplo. Conquistou a liberdade condicional há cinco anos, mas por diversas vezes voltou à prisão. “Consegui trabalho formal em

DADOS ESTATÍSTICOS

Complexo de Aparecida de Goiânia – cinco unidades:
3.803 pessoas presas

Casa do Albergado de Goiânia – 119 pessoas presas

Pessoas presas nas 87 unidades do estado de Goiás –
Total: 12.866

Fonte: Secretaria de Estado de Administração Penitenciária e Justiça (SAPEJUS)

apenas uma oportunidade, mas quando descobriram que eu fui detento, me mandaram embora.



Jornal

Depois disso só trabalhei de forma autônoma e mesmo assim sendo perseguido pela sociedade e pela própria polícia”, lamenta. Nivaldo tem hoje 48 anos, é casado e pai de cinco filhos. O mais velho tem 12 anos. O homem, negro, de corpo franzino, que aprendeu a ler e escrever quando esteve preso, conheceu a Pastoral Carcerária no presídio. Diz que a cada novo dia trava uma batalha contra si mesmo para não retornar ao cárcere. Sem trabalho, vivendo apenas das doações de cestas básicas da Pastoral Carcerária, nunca sabe como será o dia seguinte. Do presídio, herdou marcas por todo o corpo: cicatrizes, uma costela quebrada, desvio na coluna e osteoporose. “A vida na prisão é um inferno ao qual eu jamais quero voltar. Graças a Deus conheci a Pastoral, pois sem ela aquele lugar seria muito pior. Eu mesmo não sei o que seria da minha vida sem conhecer esses irmãos”, agradece.

Saiba mais sobre a **Pastoral Carcerária** através do site <http://carceraria.org.br/> ou na Cúria Arquidiocesana: Praça Dom Emanuel, s/nº, Centro de Goiânia.

PARÓQUIA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Paróquia São Cristóvão, criada para o serviço da Igreja

“A Igreja que está onde as pessoas se encontram, independentemente dos vínculos de território, de moradia ou de pertença. É a casa-comunidade onde as pessoas se encontram”. (CNBB / Doc. 100)

LUCAS DELLAMARE
Jornalista

O crescimento na estrutura física de Goiânia exigiu a construção de uma nova paróquia em uma região, antes apenas comercial, que passava a necessitar da ação pastoral evangelizadora. No decreto de criação da paróquia, datado de 30 de abril de 1967, Dom Fernando Gomes dos Santos inicia dizendo: “Atendendo às necessidades espirituais das almas e considerando o crescente número de habitantes desta Capital (Goiânia), resolvemos criar a paróquia São Cristóvão, no Bairro dos Rodoviários”. A data inicial das obras de construção do templo remete ao ano de 1962, quando o então vigário, padre Geraldo Nelson Antônio, se tornou o responsável por defender a ideia de uma igreja na região conhecida como DERGO, sigla do Departamento de Estrada e Rodagem de Goiás ali instalado.

Um grande movimento de Missas realizadas pelos missionários redentoristas foi iniciado pelo padre Geraldo com o apoio da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Campinas. A intenção era preparar a população local para a construção da igreja e convidá-la a fazer parte do empreendimento. O Bairro dos Rodoviários, já muito populoso,

ainda não contava com um espaço para que essas missões fossem realizadas. Assim, coube ao vigário da época, padre Geraldo, auxiliado pelo padre Gervásio Fabri, o encargo de preparar o bairro com uma pré-missão, durante um mês. Passados os 30 dias, com ampla cooperação dos fiéis, a primeira capela estava de pé no dia 17 de setembro.

A primeira bênção realizada na capela foi ministrada por Dom Antonio Ribeiro, que celebrou a 1ª Eucaristia e a Crisma de 150 crianças do bairro. Dom Fernando deixou por escrito, no decreto de criação da paróquia em 1967, que a construção da matriz definitiva contaria diretamente com a contribuição do povo. “Os fiéis auxiliarão o seu pároco na construção (...), bem como proverão à honesta e digna sustentação do Clero paroquial”.

Atualmente a paróquia mantém ativos movimentos e pastorais sustentados pela atuação leiga, entre os quais se destacam grupos da Renovação Carismática Católica, Vicentinos e Apostolado da Oração, além das pastorais do Dízimo, Liturgia, Batismo, Catequese e Evangelização, com trabalhos voltados para jovens, adultos e idosos. No trabalho com os mais novos, destaca-se a Creche São Cristóvão, que atende crianças de dois a seis anos de idade. Padre Divino Ribeiro da Silva, administrador paroquial, diz que

a comunidade vive em comunhão com a Arquidiocese e CNBB, tendo como força motriz a catequese, a vivência da liturgia e a consciência da participação de todos na vida da comunidade, como especificado no documento nº 100 da Conferência Nacional dos Bispos, *Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia* e exemplificado no parágrafo 171: “A paróquia, entendida como comunidade, é o local onde se ouve a convocação feita por Deus, em Cristo, para que todos sejam um e vivam como irmãos. É a Igreja que está onde as pessoas se encontram, independentemente dos vínculos de território, de moradia ou de pertença geográfica. É a casa-comunidade onde as pessoas se encontram”.

Curiosidade

A paróquia foi batizada com o nome de São Cristóvão, santo protetor dos motoristas e muito venerado entre os caminhoneiros que circulavam e tinham família na região. Assim, o intercessor daqueles fiéis foi escolhido como padroeiro da paróquia que nascia.

Missas

Matriz

Domingo, 8h e 19h
3ª-feira, 15h
6ª-feira, 19h30

Comunidade Sagrado Coração de Jesus
Domingo, 10h

4ª-feira, 19h30
1ª sexta-feira, 8h
Sábado, 19h

Confissões

Segunda a sexta, com hora marcada

Administrador paroquial:

Pe. Divino Ribeiro da Silva
Tel./Fax: (62) 3295-1599

NESTA SEMANA CELEBRAM-SE



Santa Maria Goretti – dia 6

A Igreja celebra, no dia 6 de julho, a virgem e mártir que encantou e continua enriquecendo os cristãos com seu testemunho de “sim” a Deus e “não” ao pecado, Santa Maria Goretti. Após a morte do pai, ela e a família se mudaram para um lugar perto de Roma, dividindo o mesmo teto com outra família, pai e três filhos. Um desses filhos, Alexandre, tentou seduzir Santa Maria Goretti, que sempre respondia: “Não, não, Deus não quer; é pecado!”. Em mais uma dessas investidas, Goretti resistiu com um grande não, Alexandre então a acertou com 14 facadas. Santa Maria Goretti em seu leito de morte confidenciou à mãe: “Sim, o perdoo... Lá no céu, rogarei para que ele se arrependa... Quero que ele esteja junto comigo na glória eterna”. Alexandre se arrependeu e esteve presente na canonização desta santa, ao lado da mãe dela, que também o perdoou.

Santa Paulina – dia 9

No dia 9 de junho comemoramos o dia de Santa Paulina. Nascida na Itália, Paulina veio para o Brasil com apenas 10

anos de idade e se naturalizou no país onde, a partir de uma experiência caridosa, ao cuidar de uma senhora idosa, descobriu o carisma reconhecido em 1985 pelo nome de Filhas da Imaculada Conceição. Na oração litúrgica da Igreja, pede-se a Deus, para os fiéis, a virtude do serviço por amor, que motivou a virgem Paulina do Coração Agonizante de Jesus.

São Bento – dia 11

São Bento nasceu na Itália, em 480, numa nobre família que o enviou para estudar em Roma. Diante da decadência do Império – também moral e espiritual – o jovem Bento abandonou todos os projetos humanos para se retirar nas montanhas, onde se dedicou à vida de oração, meditação e aos diversos exercícios para a santidade. Passou três anos numa retirada gruta, atraindo outros que se tornaram discípulos de Cristo a exemplo dele. A Regra Beneditina tinha sua eficácia na inspiração que formava cristãos santos por meio do seguimento dos ensinamentos de Jesus e da prática dos Mandamentos e conselhos evangélicos. Para São Bento, a vida comunitária facilitaria a vivência dessa Regra, fazendo dos mosteiros faróis de evangelização.

CATEQUESE DO PAPA

Temor de Deus: dom que nos recorda o quanto somos pequenos diante do Amor

O papa Francisco encerrou, no dia 11 de junho, o ciclo de catequeses sobre os dons do Espírito Santo com uma reflexão sobre o temor de Deus. Leia na íntegra, abaixo.

O dom do temor de Deus, do qual falamos hoje, conclui a série dos sete dons do Espírito Santo. Não significa ter medo de Deus: sabemos bem que Deus é Pai e que nos ama e quer a nossa salvação e sempre perdoa, sempre; por isso não há motivo para ter medo Dele! O temor de Deus, em vez disso, é o dom do Espírito que nos recorda o quanto somos pequenos diante de Deus e do seu amor e que o nosso bem está em nos abandonarmos com humildade, com respeito e confiança em suas mãos. Este é o temor de Deus: o abandono na bondade do nosso Pai que nos quer tão bem.

1. Quando o Espírito Santo faz morada em nosso coração, infunde em nós consolo e paz e nos leva a nos sentirmos assim como somos, isto é, pequenos, com aquela atitude – tão recomendada por Jesus no Evangelho – de quem coloca todas as suas preocupações e as suas expectativas em Deus e se sente envolvido e apoiado pelo seu calor e pela sua proteção, justamente como uma criança com o seu pai! O Espírito Santo faz isso nos nossos corações: nos faz sentir como crianças nos braços do nosso pai. Nesse sentido, então, compreendemos bem como o temor de Deus vem assumir em nós a forma da docilidade, do reconhecimento e do louvor, enchendo o nosso coração de esperança. Tantas vezes, de fato, não conseguimos acolher o desígnio de Deus e percebemos que não somos capazes de assegurar por nós mesmos a felicidade e a vida eterna. É justamente na experiência dos nossos limites e da nossa pobreza, porém, que o Espírito nos conforta e nos faz perceber que a única coisa importante é deixar-nos conduzir por Jesus para os braços do seu Pai.

2. Eis porque temos tanta necessidade deste dom do Espírito Santo. O temor de Deus nos faz tomar consciência de que tudo vem da graça e que a nossa verdadeira força está unicamente em seguir o Senhor Jesus e em deixar que o Pai possa derramar sobre nós a sua bondade e a sua misericórdia. Abrir o coração para que a bondade e a misericórdia de Deus venham até nós. O Espírito Santo faz isso com o dom do temor de Deus: abre os corações. Coração aberto para deixar entrar o perdão, a misericórdia, a bondade, os carinhos do Pai, para que nós sejamos filhos infinitamente amados.

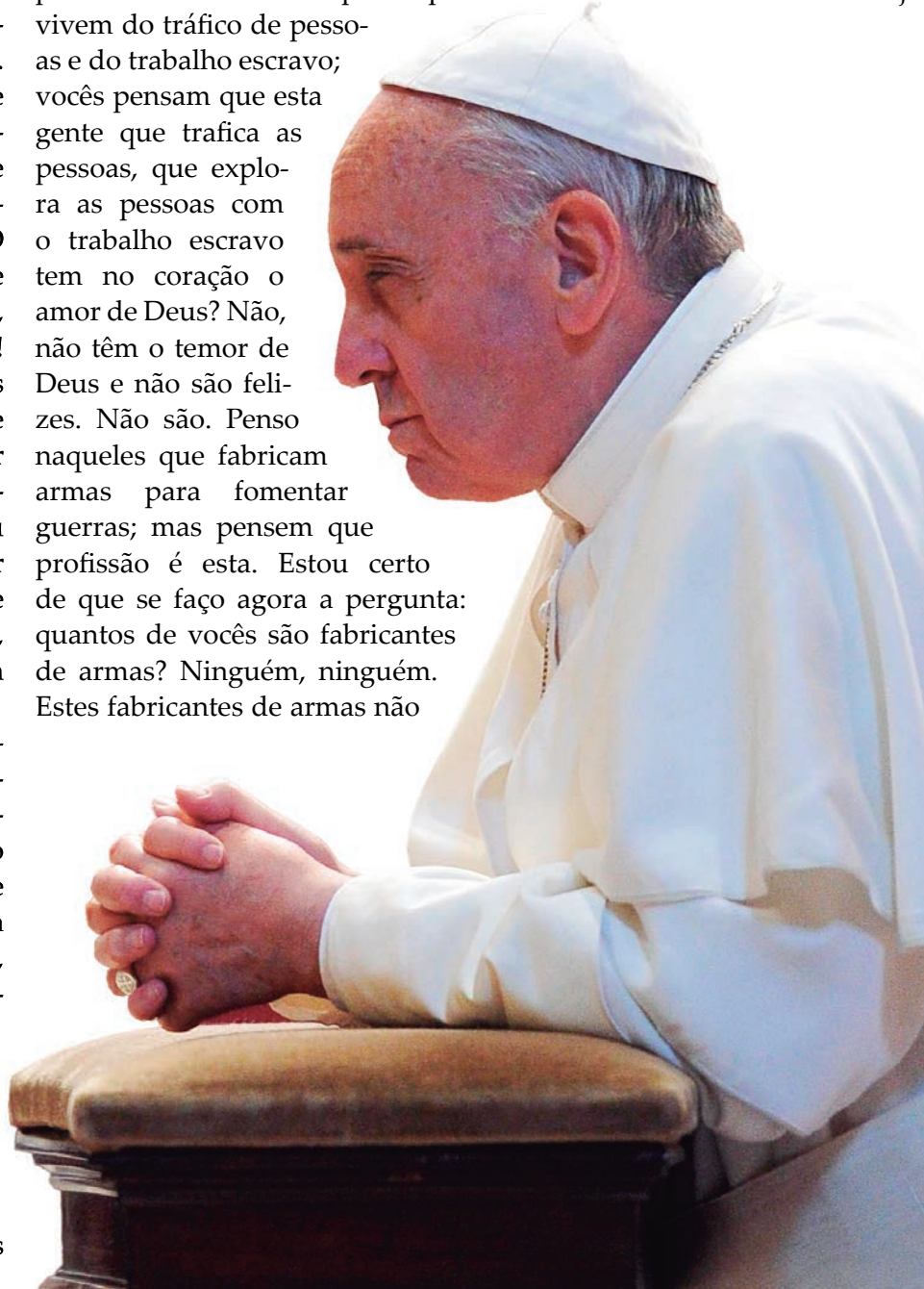
3. Quando somos permeados pelo temor de Deus então somos levados a seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência. Isto, porém, não com atitude de resignação, passiva, mesmo lamentosa, mas com a admiração e a alegria de um filho que se reconhece servido e amado pelo Pai. O temor de Deus, então, não faz de nós cristãos tímidos, acomodados, mas gera em nós coragem e força! É um dom que faz de nós cristãos convictos, entusiasmados, que não ficam submetidos ao Senhor por medo, mas porque são comovidos e conquistados pelo seu amor! Ser conquistado pelo amor de Deus! Isto é bom! Deixar-se conquistar por este amor de pai, que nos ama muito, ama-nos com todo o seu coração.

4. Mas, estejamos atentos, porque o dom de Deus, o dom do temor de Deus é também um “alarme” diante da persistência no pecado. Quando uma pessoa vive no mal, quando blasfema contra Deus, quando explora o próximo, quando tiraniza contra ele, quando vive só para o dinheiro, para a vaidade, o poder ou o orgulho, então o santo temor de Deus nos alerta: atenção! Com todo este poder, com todo este dinheiro, com todo o teu orgulho, com toda a tua vaidade, não serás feliz. Ninguém pode levar con-

sigo para o outro lado nem o dinheiro nem o poder nem a vaidade nem o orgulho. Nada! Podemos levar somente o amor que Deus Pai nos dá, os carinhos de Deus, aceitos e recebidos por nós com amor. E podemos levar aquilo que fizemos pelos outros. Atenção para não colocar a esperança no dinheiro, no orgulho, no poder, na vaidade, porque tudo isso não pode nos prometer nada de bom! Penso, por exemplo, nas pessoas que têm responsabilidade sobre os outros e se deixam corromper; vocês pensam que uma pessoa corrupta será feliz do outro lado? Não, todo o fruto da sua corrupção corrompeu o seu coração e será difícil ir para o Senhor. Penso naqueles que vivem do tráfico de pessoas e do trabalho escravo; vocês pensam que esta gente que trafica as pessoas, que explora as pessoas com o trabalho escravo tem no coração o amor de Deus? Não, não têm o temor de Deus e não são felizes. Não são. Penso naqueles que fabricam armas para fomentar guerras; mas pensem que profissão é esta. Estou certo de que se faço agora a pergunta: quantos de vocês são fabricantes de armas? Ninguém, ninguém. Estes fabricantes de armas não

vêm ouvir a Palavra de Deus! Estes fabricam a morte, são mercantes da morte e fazem mercadoria de morte. Que o temor de Deus faça com que eles compreendam que um dia tudo termina e que deverão prestar contas a Deus.

Queridos amigos, o Salmo 34 nos faz rezar assim: “Este miserável clamou e o Senhor o ouviu, de todas as angústias o livrou. O anjo do Senhor acampa em redor dos que o temem e os salva” (vv. 7-8). Peçamos ao Senhor a graça de unir a nossa voz àquela dos pobres, para acolher o dom do temor de Deus e poder reconhecer-nos, junto a eles, revestidos da misericórdia e do amor de Deus, que é o nosso Pai. Assim seja.



LEIGOS E ESPORTES NAS INTENÇÕES DO PAPA PARA O MÊS DE JULHO

Universal - Esportes e humanização

Para que a prática dos esportes seja sempre oportunidade de fraternidade e crescimento humano.

Pela evangelização - Missionários leigos

Para que o Espírito Santo sustente o serviço dos leigos que anunciam o Evangelho nos países mais pobres.

FORMAÇÃO MARIANA

Maria na Presença de Deus (II) – Silêncio

“Ó Mãe, sábia mestra da contemplação, faze-nos amar o silêncio, como tu o amaste!”

IR. MARCEVÂNIA PROCÓPIO DE SOUSA
Irmãs do Instituto Coração de Jesus

O exercício diário de andar na Presença de Deus requer um esforço contínuo da prática do silêncio. Na linguagem comum, ser silencioso significa calar-se. Nota-se a importância da mortificação da língua. Esta pode ser fonte de bens incalculáveis, mas também fonte de males tenebrosos (cf. Tg 3,1-10).

Silêncio não é mutismo, que conduz ao isolamento contrário ao amor (silêncio de ressentimento, silêncio de rancor, ódio, egoísmo e endurecimento do coração). Silêncio é o estado de quem se abstém de falar; é interrupção de ruído; é o clima especial no qual desabrocha e cresce a interioridade do ser humano. Na vida espiritual, torna-se o “comportamento” indispensável para escutar, conhecer e viver em intimidade com Deus.

Depois de Jesus, Maria é modelo e guia da nossa vida interior. Ela nos ensina o caminho do silêncio para chegar à íntima união com Deus. O silêncio de Maria a torna atenta à voz de Deus, a qualquer momento. Com que recolhimento ela trabalhava! Não lhe escapava nenhum instante para mostrar a Deus o seu amor obediente.

“Maria, a jovem delicada, concentrada, silenciosa. No silencioso seio da virgem operou-se o prodígio sem clamor, sem ostentação. O mistério da origem divina do Messias é tão profundo que Maria silencia ante José. Nesse tempo de espera, Maria vive uma intimidade profunda com Aquele que ia germinando silenciosamente. Que profunda comunicação silenciosa Maria deve ter vivido nesse tempo! Em seus afazeres domésticos, amassando o pão e tecendo a lã, em suas caminhadas para a fonte

ou na sinagoga..., a Mãe abismada, compenetrada e identificada com Aquele que é vida de sua vida.

Na noite de Natal, a mãe se reveste de silêncio. Aqui não há casa, não há berço ou parteira. É noite. Tudo é silêncio. A Mãe dá à luz. ‘Vamos depressa’, dizem os pastores. Chegam à gruta; oferecem-lhe certamente alguma coisa de comer; contam-lhes o que tinham visto e ouvido e os ouvintes se admiram. E o que diz Maria? ‘Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração’ (Lc 2,19). No Templo em Jerusalém, anciãos tementes a Deus, Simeão e Ana, proclamam maravilhas do Menino e advertindo a Mãe, que terá parte do seu destino de ruína e ressurreição. E o que diz a Mãe? ‘Sua mãe estava admirada das coisas que se diziam!’ (Lc 2,33). No calvário – no meio do desolado

cenário, diante de tão grande sofrimento, o que diz Maria? ‘Junto à cruz de Jesus estava sua Mãe, de pé’ (Jo 19,25).”

Em síntese podemos dizer que, na Sagrada Escritura, Maria fala apenas em quatro ocasiões: na anunciação (Lc 1,26-38), na visitação (Lc 1,39-45), no templo em Jerusalém (Lc 2,46-51), nas bodas de Caná (Jo 2,1-5). Fora disso ela se cala, guarda, medita todas as coisas em seu coração. Aparece silenciosamente aos pés da cruz e em Pentecostes protegendo a Igreja.

Nosso compromisso:

- Criar momentos de silêncio durante o dia para estar em sintonia com a presença amorosa de Deus.
- Rezar cada dia: “Maria, presença solícita na obra da salvação de teu Filho, faze-nos encontrar Deus no silêncio como tu o encontraste.”

Publicidade

Colégio Agostiniano

Nossa Senhora de Fátima

Conheça o modo agostiniano de ver a educação e a vida!

Ensino integral e regular

- Educação Infantil**
Infantil I, II e III
- Ensino Fundamental**
1º ao 9º ano
- Ensino Médio**
1ª, 2ª e 3ª série

www.agostiniano.com Telefone: (62) 3213 3018 3212 2761

Publicidade

SOMOS Operários do Pai Eterno

A CASA DO PAI precisa de nós!



Campanha do Cimento
62 3506-9800 | www.paieterno.com.br



Proposta de leitura orante da Bíblia em preparação para o próximo Domingo



DOM WALDEMAR PASSINI DALBELLO
Bispo Auxiliar de Goiânia

Reza quem busca os melhores caminhos para a própria vida. A oração e a escuta da Palavra de Deus comunicam sabedoria de vida. A sabedoria é um dom do alto, vem de Deus, mas também depende de algum esforço nosso. Veja o que o livro do *Eclesiástico* nos ensina a respeito:

Filho, desde a tua mocidade aplica-te à disciplina e até com cabelos brancos encontrarás a sabedoria.

Como o lavrador e o sementeiro, cultiva-a, e espera pacientemente seus bons frutos, porque te cansarás um pouco em seu cultivo, mas em breve comerás de seus frutos. (Eclo 6,18-19)

No dia da semana em que você reservou para a leitura orante com o Evangelho do domingo, tome sua Bíblia e se dirija ao lugar em

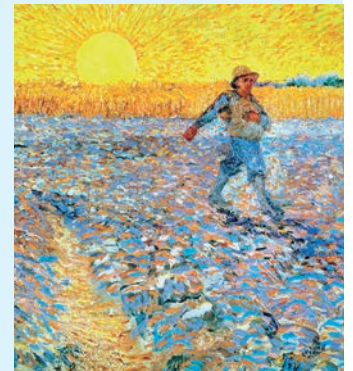
que faz sua oração. Prepare o ambiente com um sinal simples, aquela vela acesa, um quadro de Jesus diante dos olhos... Dispõe o exterior, e deixa que a mente e o coração se acomodem confiantes na presença de Deus: – *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.*

Para acolher bem o evangelho, peça o dom do Espírito Santo. Insista com Ele sobre a necessidade de sua ação em sua vida neste momento, pois o Senhor vai lhe falar. Afinal, não se pode correr o risco de desprezar a presença e a Palavra de Jesus na oração. Agora, nesse tempo de graça, todo o desejo se aplica, como o lavrador e o sementeiro, para que o 'chão' da própria vida receba generosamente a Boa Semente.

Texto para a oração: Mt 13,1-9 (página 1217 – Bíblia das Edições CNBB).

Siga os passos para a leitura orante:

1. Observe na primeira leitura do texto o belo ambiente em que Jesus fala à multidão. Com imaginação, coloque-se nesse ambiente;
2. Nova leitura do texto, bem lenta, palavra por palavra, permitindo que a 'semente' caia no terreno do seu coração. Abraça a semente, e peça a graça de procurar a Sabedoria com maior fervor em sua vida;
3. Prossiga sua leitura orante com os versículos 18 a 23 do mesmo capítulo (Mt 13,18-23), quando Jesus explica o significado da parábola do sementeiro.



"O Semeador", de Vincent Van Gogh

Conclua com o 'sinal da Cruz' e um beijo respeitoso no texto bíblico, reverenciando a Palavra semeada em seu coração. Palavra de Deus bem acolhida dá muito fruto: *uma cem, outra sessenta, outra trinta!* (Mt 13,8).

(Ano A, 15º Domingo do Tempo Comum. Liturgia da Palavra: Is 55,10-11; Sl 64 (65); Rm 8,18-23; Mt 13,1-9)

DEVOLVA O DÍZIMO E PARTICIPE DA MISSÃO EVANGELIZADORA EM SUA COMUNIDADE.

"Dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama o que dá com alegria". 2Cor 9,7

Novo modelo organizacional é implantado pela PUC Goiás

PUC GO

Após dez anos de discussão e estudos de implementação, a PUC Goiás, inicia o processo de criação de escolas em substituição ao antigo modelo acadêmico e administrativo de departamentos. Durante a Reunião de Gestores, realizada no dia 25 de junho, foi lançada a criação das duas primeiras escolas: a de Formação de Professores e Humanidades e a de Direito e Relações Internacionais.

Para a pró-reitora de desenvolvimento institucional, professora Helenisa Gomes, a implantação das escolas marca um processo de reorganização institucional no que se refere a processos acadêmicos e administrativos. "O modelo departamental não atende mais a evolução que houve no ensino superior", explica. A proposta da escola, en-

quanto estrutura de organização, conseguiria abarcar a sinergia do processo acadêmico que agrega ensino, pesquisa, extensão, somado à gestão.

No segundo momento da reunião de gestores, foram empossados a professora Clélia Brandão como diretora da Escola de Formação de Professores e Humanidades e o professor José Antônio Lobo como diretor da Escola de Direito e Relações Internacionais. Para o professor Lobo, as escolas são um novo paradigma para o ensino mundial que otimizam a programação acadêmica e qualificam os cursos, ao reunir em um espaço, seja físico ou simbólico, afinidades epistemológicas. "As escolas, como modelos acadêmicos e administrativos, permitem uma visão mais ampla de formação", enfatiza. A expectativa para o novo diretor é de que a comuni-



Posse das novas escolas da PUC GO

dade acadêmica compreenda a mudança e estabeleça um sentimento de pertença com o novo projeto.

Para a professora Clélia, a nova estrutura será positiva ao possibilitar a convivência interdisciplinar entre as áreas de conhecimento. A Escola de Formação de Professores e Humanidades reunirá seis cursos de licenciatura e o bacharelado em teologia, além de mestrados e doutorados em Ciências da Religião, Edu-

cação, História e Letras. "Chegou o momento de se avançar, de forma efetiva, com as pesquisas em transdisciplinaridade e na formação multidimensional". As escolas contribuirão para esse desafio.

Até o segundo semestre de 2015 serão implantadas mais oito escolas, já aprovadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (Cepea) e que serão gradualmente implantadas e implementadas.